

# O NU E NARRATIVA FOTOGRÁFICA



[www.frankieboy.pt](http://www.frankieboy.pt)



Frankie Boy é o alter ego de Licínio Florêncio. Sou licenciado em design de comunicação, tenho a fotografia (digital e analógica) como complemento do trabalho artístico.

É pela fotografia que consigo explorar as minhas histórias e narrativas, tendo o corpo humano e a natureza como elemento principal.

É aqui que dirijo os modelos como se estes fossem atores de teatro em palco, para assim explorar as minhas narrativas, histórias e ficções visuais.

Fui selecionado em vários concursos tais como o ND Awards, Fine Art Photography Awards, Dodho Magazine, Monovisions Photography Awards.

Fui selecionado para o Le Plus Grand Concours de Photo du Monde da revista Photo francesa em várias edições.

Fui também selecionado em várias edições do Porto Pinhole Photography na Galeria Mira Fórum no Porto e em duas Exposições do projeto Fotografar Palavras no Museu Mimo em Leiria.

Em 2022 editei o livro Memória Revisitadas com fotografia analógica dupla exposição (Editora Minimalista)

Colaboro ativamente no Projeto Fotografar Palavras que junta fotógrafos e escritores.



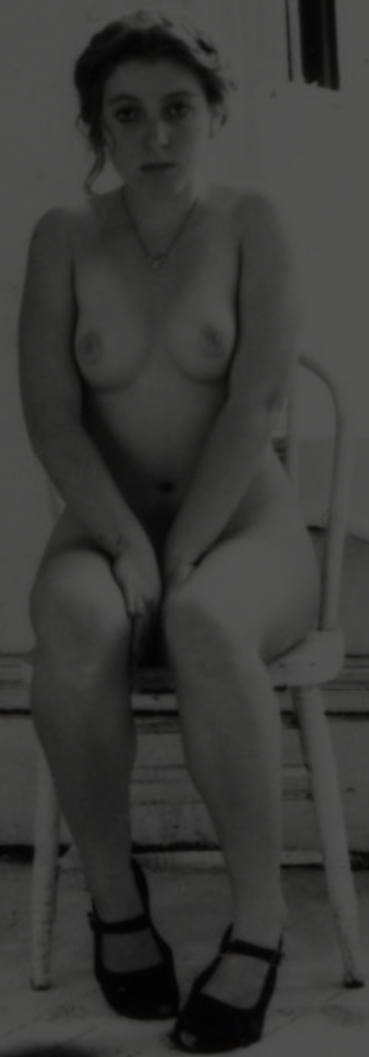
Fascinado pelo domínio do corpo humano e das suas múltiplas interpretações nas artes plásticas e visuais, desde novo, comecei a fazer as primeiras incursões nesta temática através do desenho e da pintura.

A fotografia surgiu um pouco mais tarde, ainda antes do surgimento do digital. Os primeiros passos foram dados ainda na adolescência com câmaras analógicas 35mm e no laboratório analógico da escola secundária.

É pela fotografia que consigo explorar as minhas histórias e narrativas, tendo o corpo humano e a natureza como actores principais.

A utilização do corpo nu em sobreposição com a natureza ou outros cenários, faz deste um teatro onde posso dirigir os actores no palco e levá-los a contar as suas histórias e emoções. A utilização do nu revela-nos um estado de pureza e simplicidade absoluta, sem futilidade, onde o equilíbrio de uma verdadeira experiência estética prevalece com fortes relações entre a natureza e a humanidade, e estas fotografias são o meio de alcançar esta relação.

UM  
POUCO  
DE  
HISTÓRIA



A fotografia teve um impacto profundo na evolução da percepção do corpo na nossa história visual. Contribuiu plenamente para a exploração da anatomia e morfologia humanas, bem como para a nossa imaginação erótica colectiva. Mas o que aconteceu depois de 'A Idade de Ouro da fotografia' ter sido repentinamente interrompida pela Segunda Guerra Mundial?

Os anos que antecederam e que se seguiram à guerra, assistiram à maior migração de artistas e intelectuais de sempre, à medida que as pessoas fugiam das alianças fascistas. Quase de um dia para o outro, os fotógrafos fugiram das capitais culturais da Europa e encontraram abrigo e trabalho principalmente nos EUA e na Grã-Bretanha. A fotografia floresceu como resultado desta migração de talentos.



Nudes, Irving Penn



Horst P. Horst

A fotografia cresceu em influência e poder. Ajudou a transformar a sociedade moderna numa cultura predominantemente visual, na qual a informação e as notícias são conduzidas por fotógrafos e não por palavras. Durante a guerra, a fotografia tornou-se uma ferramenta para contar histórias (fotojornalismo) ou influenciar (propaganda) o que estava a acontecer num mundo virado de cabeça para baixo. O mundo em rápida mudança do fotojornalista invadiu a fotografia desde finais da década de 1930 até ao resto do século. Os fotógrafos trouxeram as realidades da guerra para as casas das pessoas através de revistas e jornais. Os editores detinham um enorme poder e os fotógrafos tornaram-se heróis que tomaram o pulso dos tempos.

As circunstâncias históricas e as melhorias técnicas prepararam o cenário para o sucesso do fotojornalismo, mas também para a fotografia de moda. Nos finais dos anos 40 e 50, a economia mundial estava em expansão mas não suficientemente rápida para manter as mulheres no local de trabalho e absorver os homens de serviço que regressavam da frente. As mulheres eram encorajadas a regressar a casa e a estimular a economia através da compra de bens de consumo. O 'New Look' que invadiu a cena da moda nos finais dos anos 40 celebrava a ultra-feminilidade e a opulência na moda feminina. Após anos de uniformes militares e civis, a imagem da mulher tornou-se mais desejável. A fotografia de moda desempenhou um papel importante no desenvolvimento de revistas ilustradas que se tornaram o seu veículo promocional como a Vogue ou Harper's Bazar.



Erwin Blumenfeld

Seguindo os passos de Steichen quando era fotógrafo da Vanity Fair e Vogue antes da guerra, Vogue e Harper's Bazar usaram os melhores fotógrafos como George Hoyningen-Huene, Horst P. Horst, Louise Dahl-Wolfe, Cecil Beaton, Erwin Blumenfeld, Norman Parkinson, Richard Avedon, Irving Penn... para obter as imagens mais atractivas. Os melhores números de circulação determinaram as receitas publicitárias e os últimos exclusivos da "alta costura". Estes aclamados fotógrafos dominaram o mundo da fotografia de moda, criando corpos de fantasia. Ao mesmo tempo, a grande procura de novos tipos de imagens, permitiu a estes artistas prosseguir o seu próprio trabalho sem comprometerem a sua integridade artística.



Nudes, Irving Penn

Em 1950, Penn era um conhecido retratista da Vogue e fotógrafo de moda, mas já tinha feito, em privado, uma grande série de nus - um corpo de trabalho pessoal mas menos conhecido. Durante a semana, fotografou modelos com roupas de moda para a revista, mas aos fins-de-semana e noites fez estudos de nus femininos. As mulheres eram encorpadas e as fotografias pouco ortodoxas, recordando a forma e o espírito dos ídolos arcaicos da fertilidade.

As nus artísticos femininos também começaram a tornar-se mais frequentes em revistas de câmaras (U.S Camera, Popular Photography), onde a arte era invocada para justificar o disruptão do modelo feminino. No entanto, se o público incentivava a confecção de nus femininos, continuava a condená-los se não fossem “suficientemente artísticos” de acordo com o seu gosto pessoal e subjectivo.



Criada em 1953 e famosa pelos seus centros de modelos nuas e semi-nuas, a revista Playboy tornou-se muito popular mesmo que as imagens em destaque deixassem muito pouco lugar para inovações fotográficas.

Foi apenas no final dos anos 50 e início dos 60 que a fotografia começou a ser reconhecida como uma “arte nobre”. Os meios de comunicação e os anunciantes, ajudaram os fotógrafos a ganhar reconhecimento e a abrir as portas dos museus. A Família do Homem em 1955 (depois de ‘Post-War European Photography’ em 1953) foi uma ambiciosa exposição de fotografia com curadoria de Edward Steichen, o director do Departamento de Fotografia do MoMA (fundado em 1940). Centenas de imagens de fotógrafos percorreram o mundo durante oito anos, para quebrar recordes de público. Mas a exposição foi dedicada a humanistas e fotógrafos de documentários.

Alguns fotógrafos afastaram-se das realidades documentais e centraram-se, em vez disso, nas qualidades intrínsecas da fotografia.

Eleanor and Barbara, Harry Callahan





Eleanor, Harry Callahan

Harry Callahan e Minor White, partilharam uma sensação do tipo de experiência que uma fotografia pode expressar. A sua abordagem tinha tanto a ver com o discernimento como com o ver, tanto metafísico como físico.

Numa carta de 1946 Callahan escreveu: dediquei cada momento livre à (...) fotografia como um meio de expressar os meus sentimentos e relação visual com a vida dentro de mim e sobre mim. O trabalho de Harry Callahan sobre os corpos da sua esposa Eleanor e da filha Barbara, identificou a domesticidade como um aspecto do próprio corpo e excluiu todas as actividades quotidianas. Ele fotografou a sua esposa repetidamente, dentro e fora de casa, nua e vestida, durante mais de 15 anos.

Musas ao longo da sua carreira, a mulher e a filha de Callahan tocaram, posaram, e envelheceram diante das suas lentes. Com a sua atenção à fisicalidade da luz, no entanto, as fotografias de Callahan transcendem o mero retrato de família, chamando



a atenção para a beleza simples dos momentos fugazes da vida. Eleanor recordou nos seus anos noventa: “Ele só gostava de me tirar fotografias”. Em cada pose. Chuva ou brilho. E o que quer que eu estivesse a fazer. Se eu estivesse a lavar a loiça ou se estivesse meio a dormir. E ele sabia que eu nunca, nunca disse que não. Eu estava sempre lá para ele. Porque eu sabia que o Harry só faria a coisa certa”. Eleanor Callahan morreu em Fevereiro de 2012 com a idade de noventa e cinco anos.

Branco Menor, (1908-1976) nascido em Minneapolis, respondeu de forma diferente ao longo “comportamento sexual aceitável” da década, usando as suas fotografias para explorar a sua sexualidade enquanto escondia intencionalmente a sua homossexualidade. (As suas fotografias sexuais explícitas de corpos masculinos nus onde não foram publicadas até aos anos 80 após a sua morte).

Bill Brandt contribuiu frequentemente para a imprensa ilustrada, incluindo um retrato e fotógrafo de moda para Harper’s Bazaar, mas nos anos do pós-guerra, o seu trabalho tornou-se cada vez mais abstracto, à medida que experimentava uma lente

Body Parts, Bill Brandt



grande-angular e fazia fotografias de nus ao ar livre. Antigo aprendiz de Man Ray, começou a fotografar nus já nos anos 30, mas como as suas imagens foram rejeitadas pelo público e pela imprensa, só nos anos 60 é que as pôde mostrar. Criou fotografias expressivas de nus, fotografando os seus temas a uma distância tão próxima que o corpo humano assumiu o aspecto de séries de padrões e desenhos abstractos.

Bill Brandt é mais conhecido por uma série de nus desenvolvidos principalmente entre 1945 e 1961, que são tanto pessoais como universais, sensuais e estranhos, exemplificando colectivamente o “sentido de maravilha” que é primordial nas suas fotografias. O trabalho de Brandt é imprevisível não só na gama dos seus temas, mas também no seu estilo de impressão, que variou muito ao longo da sua carreira.

Robert Rauschenberg e Susan Weil fizeram experiências em paralelo com a ascendência do movimento artístico expressionista abstrato, que começou em Nova Iorque no final dos anos 40, em reacção contra os horrores da Segunda Guerra Mundial. Colocaram os seus corpos nus em papel de desenho que foram depois expostos ao sol. Em vez de representarem os seus corpos, deixaram vestígios de lá



Robert Rauschenberg e Susan Weil



estarem (Blueprints 1949-1951) As obras foram apresentadas num artigo de 1951 na revista Life.

Lucien Clergue tem vindo a explorar o nu artístico desde 1957. A poesia e o erotismo subtil são inseparáveis. Ele publicou os seus nus juntamente com os poemas de Paul Éluard, no livro Corps mémorables, em 1957. Desde o início, ele sabe como captar a sensualidade mais evocativa. Os seus modelos são luxuosos e ele gostava frequentemente de os mergulhar no mar. Mas na altura ele explicou porque não vemos os rostos dos modelos. Por causa da censura ele escreveu: onde há cabelo não há cabeça e onde há uma cabeça não há cabelo.

Rock 'n' Roll, televisão, movimentos de direitos civis ou a guerra fria foram alguns dos principais acontecimentos que influenciaram os artistas na altura e um prelúdio para o que viria a seguir.



Lucien Clergue

Tudo era conflito e discussão nos anos 60, houve tumultuosos conflitos políticos em todo o mundo. Nações supostamente em paz experimentaram mudanças consideráveis. Os jovens rejeitaram as instituições liderando rebeliões, mas também contribuíram para uma explosão do consumismo. Fotógrafos de celebridades e

moda juntaram-se ao brilhante conjunto de jactos dos seus súbditos. A publicidade florescente tornou-se atractiva para os fotógrafos.

O clima social, político e sexual recentemente libertado que emergiu, colocou o corpo na frente e no centro. Se a vida é a maior forma de arte, então parece apenas lógico que os artistas utilizem o corpo físico como meio. O corpo tornou-se um instrumento perfeito para tornar o político pessoal. Em contraste com a repressão dos anos 50, a cultura corporal dos anos 60 produziu uma atmosfera de liberdade sexual.

Câmaras fotográficas de baixo preço de 35mm e Instamatic, assim como o ensino da fotografia nas universidades, libertaram os fotógrafos, puderam expressar-se mais facilmente, assim como gravar o mundo à sua volta.

Os anos 60 foram uma época em que o termo “fotografia conceptual” nasceu e começou a ser utilizado. Este processo coincidiu com as primeiras explorações

em arte vídeo e arte conceptual durante o movimento Conceptual. Na prática, os artistas começaram a explorar a fotografia conceptual como meio para encenar uma ideia - em vez de fotografar um tema e capturar um momento.

Carolee Schneemann deseja levar a pintura para além dos limites da tela e duplicar como criadora e performer da sua arte, levou a uma forma híbrida de performance e fotografia que moldou o seu corpo num papel proeminente. Em muitas das suas obras, Schneemann reflectiu sobre o corpo feminino no seu contexto histórico e social e investigou o desejo e o erotismo do ponto de vista feminino.



Marilyn Monroe, behind a crucifix

No Japão, Eikoh Hosoe é mais conhecido pelas suas fotografias escuras, de alto contraste, a preto e branco de corpos masculinos e femininos. Algumas são de referência em religião, filosofia e mitologia, enquanto outras são quase abstractas.



Eikoh Hosoe

Ao combinar elegância gráfica com sensualidade, Ruth Bernhard alcançou um equilíbrio delicado entre precisão composicional e sensualidade evocativa em reacção às tendências da cultura ocidental que procurava explorar o corpo das mulheres nos anos 60. Ela contou a Margaretta K. Mitchell, autora de “Ruth Bernhard Between Art and Life” (2000): A mulher tem sido o tema de muito que é sórdido e barato, especialmente na fotografia. (...) Levantar, elevar, endossar com reverência intemporal a imagem da mulher tem sido a minha missão.

O mundo mudou drasticamente nas décadas de 1960 e 1970, foi o período definidor da era moderna. Foi também o momento em que o meio floresceu como uma forma de arte moderna.



# PIONEIROS DA FOTOGRAFIA DE NU

10 fotógrafos cujo trabalho visionário foi fonte de escândalo



A fotografia de nu tem sido um género de fotografia de belas artes desde o início do meio, em meados do século XIX; retratando o corpo humano nu com uma ênfase particular na forma, composição e qualidades emocionais evocadas por este. A fotografia de nu tem desempenhado um papel importante no estabelecimento da fotografia como um meio aceite de prática das belas-arts. A fotografia de nu deve ser distinguida da fotografia erótica, embora tenha havido alguma sobreposição de géneros ao longo dos anos. O interesse erótico, embora muitas vezes presente, é secundário, o que distingue a fotografia de nu das fotografias eróticas ou de glamour, que se concentra em mostrar o tema da fotografia da forma mais atractiva; e a fotografia pornográfica, que é de natureza sexualmente explícita e tem o objectivo principal de gratificação sexual para o espectador e que normalmente não reivindica qualquer valor estético em si mesma.

As fotografias de belas artes também não são tiradas para servir qualquer propósito jornalístico, científico, ou outros fins práticos. O nu é ainda um assunto controverso em todos os meios de comunicação, mas especialmente com a fotografia, devido ao seu realismo inerente. O nu masculino tem sido tradicionalmente menos comum do que o feminino, provavelmente devido ao domínio dos artistas masculinos na história da arte, e mais raramente exposto ou publicado. O mais controverso de todos é a utilização de crianças como temas na fotografia de nus.

Veja a nossa lista abaixo de exemplos de fotografia de nus, e como vários padrões sociais julgaram duramente os artistas, ignorando muitas vezes o principal ethos e intenção por detrás do trabalho.

# 1. Baron Wilhelm von Gloeden

Fotógrafo nascido na Alemanha, o Barão Wilhelm von Gloeden (1856-1931) trabalhou predominantemente em Itália, onde começou a sua carreira fotográfica vendendo postais representando paisagens, pessoas locais e monumentos. Contudo, rapidamente se tornou conhecido pelas suas fotografias de nus pastorais dos rapazes sicilianos de Taormina, que foram amplamente recolhidas e procuradas, bem como condenadas e censuradas. As suas fotografias incorporavam adereços como coroas e togas, bem como cenários teatrais que sugeriam mitos e alegorias antigas. As suas fotografias e temas mostram também que desenhou sobre os temas e estética predominantes da arte clássica romana e grega. A teatralidade das suas peças e a sua capacidade de as incorporar na mitologia e classicismo ajudaram a temperar o homoerótico ostensivo da sua obra. As suas fotografias são hoje recordadas como uma celebração da sensualidade masculina e da beleza da forma humana.



## 2. Eugene Durieu

Advogado por profissão, Eugene Durieu (1800-1874), também conhecido como Jean-Louis-Marie-Eugène Durieu, foi um defensor e pioneiro do meio nos primeiros tempos da fotografia. É mais conhecido por uma série de estudos que criou em Paris de 1853-1854 de figuras nuas. Criadas em colaboração com o amigo e pintor romântico francês, Eugène Delacroix, as fotografias destinavam-se a ser utilizadas como modelos para artistas como uma opção mais acessível e conveniente do que a modelação ao vivo. Delacroix e numerosos outros pintores elogiariam os resultados



de Durieu, e muitas vezes esboçados a partir das fotografias ao formularem as posições das figuras nas suas composições. Como as fotografias de Durieu estavam associadas à procura e estudo de belas artes, as obras puderam existir com um mínimo de censura e aqueles que as viram não enfrentaram a ostracismo que de outra forma teria sido típica da época.

### 3. Imogen Cunningham

*“Não sei quem me diz isto, mas alguém disse, que eu sou a primeira mulher que fotografou um homem nu. Fui gozada nessa altura, quando fotografei em 1915, o meu marido nudista no Monte Rainier. Naquela a que eu pessoalmente chamei The Fawn, ele estava realmente sentado num bolo de gelo, naquele pequeno lago. Ele escolheu o local, e foi muito agradável. Claro que eles não foram reconhecidos como sendo um bom trabalho de senhora, fui condenada, pelo jornal, uma conhecida editora em Seattle, e eles chamaram-me “uma mulher imoral”. - Imogen Cunningham*

Conhecida pela sua utilização da luz para criar imagens ousadas de temas botânicos e nus, Imogen Cunningham (1883-1976) é considerada uma das maiores fotógrafas americanas. Caracterizada por uma precisão visual que enfatizava a textura, a forma e a luz; Cunningham criou um espantoso corpo de trabalho ao longo de setenta e



cinco anos. Recordada como uma das primeiras fotógrafas a produzir uma fotografia nua de um homem, o seu trabalho não foi isento de conflitos, embora as próprias fotografias sensuais produzam sentimentos de calma e irradiem serenidade.

Cunningham foi também membro fundador do Grupo f.64 (por vezes Grupo f/64) em São Francisco, um pequeno grupo de fotógrafos, incluindo Edward Weston e Ansel Adams, que se dedicou à renovação da fotografia na Costa Oeste através da utilização de um estilo partilhado caracterizado por imagens cuidadosamente enquadradas e bem focadas.

## 4. Larry Clark

O fotógrafo e cineasta americano Larry Clark (1943-) entrou na ribalta em 1971 com *Tulsa*, o seu livro de fotografias documentais granuladas e viscerais retratando adolescentes que utilizavam drogas, se envolviam em sexo e luta física. Em conjunto com o seu filme seminal *Kids*, que retratava uma perspectiva honesta e aberta dos adolescentes de Nova Iorque e que beirava o obsceno, abriu a porta a todo um novo género de fotografia biográfica, bem como a uma enorme quantidade de controvérsia e apela à censura. Ao longo do seu tempo, o foco principal de Clark tem sido a sua biografia pessoal, para mostrar de forma clara o uso de drogas, SIDA, suicídio, abuso doméstico, e sexualidade adolescente nas suas obras.



A sua representação crua e controversa de uma cultura jovem americana que anteriormente nunca tinha sido iluminada definiu o meio e serviu de inspiração para gerações de jovens cineastas e fotógrafos durante décadas, tais como os notáveis artistas Terry Richardson, Ryan McGinley e Gus Van Sant.

## 5. Diane Arbus

Uma das fotógrafas mais distintas do século XX, Diane Arbus (1923-1971, nascida Diane Nemerov), é conhecida pelos seus retratos de temas invulgares. Apaixonada por retratar as franjas da sociedade, Arbus mergulhou em várias comunidades ao longo da sua carreira. Ela fotografou artistas de circo, travestis (o termo utilizado na altura), campistas em colónias de nudismo, bem como anões e gigantes. Notável pela sua capacidade de fotografar as pessoas como indivíduos com histórias ricas, levou o seu tempo e foi gentil com os seus modelos; confrontando os seus próprios preconceitos e medos a fim de captar as suas vidas com ternura e dedicação.



## 6. Helmut Newton

*“Se um fotógrafo diz que não é um voyeur, é um idiota”.* - Helmut Newton

O fotógrafo alemão Helmut Newton (1920-2004) criou a fotografia de moda que iria mudar o meio para sempre. Contratado pela Vogue francesa nos anos 50, o seu trabalho só ganharia aplausos nos anos 70, quando ficou conhecido pelo seu retrato controverso de modelos de moda em situações e composições hipersexualizadas. A sua utilização de mulheres bonitas e fortes como seus súbditos levou à criação de imagens carregadas de fetichismo, kink, sex-bending, sadomasoquismo e voyeurismo; introduzindo tais conceitos nas principais revistas de moda onde permanecem até hoje. Em 1976 Newton foi coroado pela revista Time como o “Rei do Kink” para as imagens do seu primeiro livro, *White Women*, que retratava o luxo ao lado do

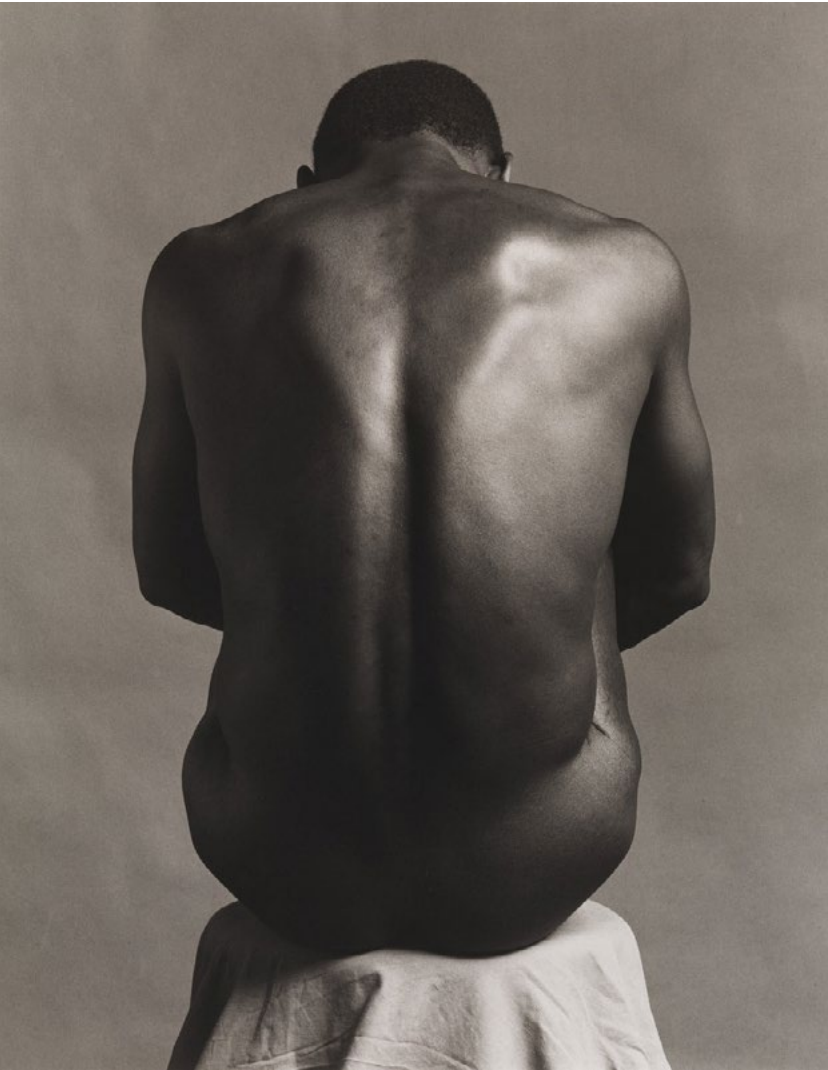
erotismo, uma mistura que ele continuaria a explorar ao longo da sua carreira.

O seu livro *Sumo* de 1999 com mais de 400 imagens e editado pela mulher de Newton June, bateu recordes de peso (35,4kg), dimensões, e preço de revenda com apenas 10.000 exemplares em existência; e continua a ter uma influência duradoura tanto na moda como na fotografia de nu hoje em dia.



## 7. Robert Mapplethorpe

*“Não gosto dessa palavra em particular ‘chocante’. Estou à procura do inesperado. Estou à procura de coisas que nunca tinha visto antes...estava em condições de tirar essas fotografias. Senti uma obrigação de as fazer”.* - Robert Mapplethorpe



Mais conhecido pelos seus retratos a preto e branco, auto-retratos, e pela polémica que envolveu o seu trabalho, o fotógrafo Robert Mapplethorpe criou imagens impressionantes do corpo humano que se concentraram em encontrar a perfeição na forma. As obras mais controversas de Mapplethorpe são do final da década de 1970, quando ele tinha um interesse crescente em documentar os seus amigos que estavam envolvidos na cena sadomasoquista de Nova Iorque. Muitas vezes fotografado nu e ocasionalmente retratando actos sexuais, as suas fotografias chocaram o mundo e colocaram-no no centro dos debates em torno da censura, do retrato da homossexualidade, e da auto-expressão nas artes. De facto, em 1990, o director do Centro de Artes Contemporâneas de Cincinnati, Dennis Barrie, foi levado a tribunal

pela sua decisão de apresentar tais fotografias de Mapplethorpe. Embora absolvido, o caso chamou suficientemente a atenção nacional em torno da questão de que um filme, *Dirty Pictures*, foi lançado dez anos mais tarde, ilustrando o desastre. As guerras culturais que resultaram da fotografia de Mapplethorpe são uma prova do efeito das suas obras, e devido à criação da sua Fundação Robert Mapplethorpe é recordado não só como um notável fotógrafo mas também como um activista da investigação da SIDA.

## 8. Sally Mann

Conhecida pela sua documentação do Sul americano e retratos a preto e branco da sua família, a fotógrafa Sally Mann (1951-) enfrentou um significativo retrocesso como resultado da sua escolha de utilizar os seus próprios filhos como sujeitos na sua fotografia de nu. Desde os anos 70 Mann tem vindo a produzir retratos, mas a sua série mais famosa Immediate Family, (1984-1994) tem enfrentado intermináveis apelos à censura. Representando os seus três filhos enquanto se movem entre a infância e a adolescência, as imagens são retratos inflexíveis da liberdade e das restrições que vêm de mãos dadas com o envelhecimento. Algumas destas imagens retratam as crianças (todas com menos de 10 anos na altura) nus ou parcialmente vestidas, levando a controvérsia e a confusão sobre se estas crianças são ou não capazes de consentir numa idade tão jovem; e se as imagens constituem pornografia infantil.



## 9. Nobuyoshi Araki

Um dos mais conhecidos e prolíficos fotógrafos japoneses, Nobuyoshi Araki (1940) produziu um abundante corpo de trabalho a que se refere como “I-fotografia”, depois do popular género literário confessional japonês de “I-novel”. Utilizando a sua vida e experiências como tema das suas obras, ganhou atenção em 1971 com a publicação do seu primeiro livro fotográfico “Viagem Sentimental”. A Viagem Sentimental seguiu amplamente a sua lua-de-mel com a sua esposa Yoko Aoki, mesmo em lugares tão privados como o seu recém-casado quarto. Desde então, ele tem ampliado ainda mais os limites com as suas fotografias nuas e explícitas, retratando as mulheres em Geisha, com os seus trajes amarrados com cordas de



cativoiro, expondo os seus genitais para a câmara fotográfica. O seu trabalho caracteriza-se pela sua natureza frenética e preparação mínima, e o seu emprego de temas sexuais gráficos e inabaláveis ganhou-lhe notoriedade.

## 10. Ohm Phanphiroj

Uma estrela em ascensão no mundo da fotografia, Ohm Phanphiroj descreve-se a si próprio como um contador de histórias visual. Tendo trabalhado em várias séries de retratos, incluindo menores de idade de trabalhadores do sexo na Tailândia, *You Are Not Alone* (Crianças com VIH), e *Crise de Identidade: Série Transsexual*; a sua série mais recente é o *Projecto Hustler Americano*. Fornecendo pequenas introduções compostas pelo nome dos sujeitos, idade e orientação sexual, sonho e realidade, bem como os seus honorários; ele fornece um rosto humano à indústria dos trabalhadores do sexo. A persistência inabalável de Phanphiroj com projectos fotográficos biográficos ilumina mundos anteriormente opacos e cria formas acessíveis para o seu público interagir com os seus súbditos.



# INFLUÊNCIAS



# INFLUÊNCIAS

Ao criar, parece-nos essencial que desenvolvamos a nossa cultura visual. Conhecer o trabalho de outros artistas ajuda-nos a alargar o nosso olhar e o nosso horizonte criativo. As nossas influências não têm que vir obrigatoriamente ou apenas de outros fotógrafos. Podemos-nos inspirar por pinturas, cinema, desenhos, ilustrações ou até em textos de escritores. No meu trabalho, é muito comum influenciar-me e trabalhar com escritores que me dão os textos para eu fotografar e fazer a minha própria interpretação e narrativa dessa história.

Há artistas cujo trabalho está ligado ao meu e que, de alguma forma, alimentam o meu desejo de continuar a criar.

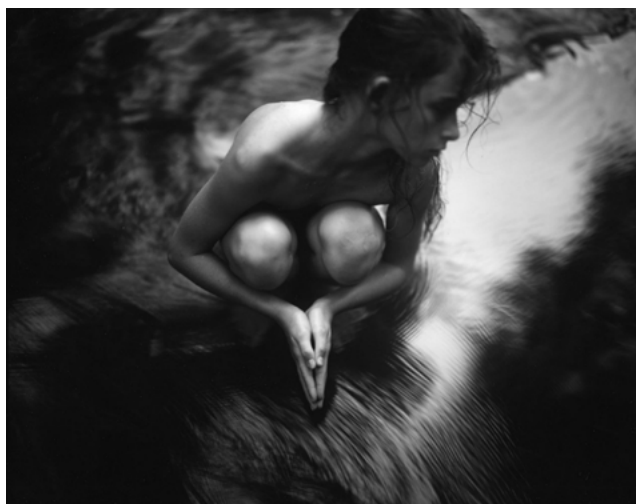
## Sally Mann

Podemos começar pela Sally Mann (que já foi descrita antes neste ebook), fotógrafa americana que nasceu em 1951. É uma fotógrafa americana conhecida pelos seus retratos a preto e branco da sua família e pela documentação da paisagem do Sul



americano. Desde os anos 70, produziu uma série de retratos fotográficos, paisagens e naturezas mortas e é mais conhecida pelos seus retratos íntimos da sua família, incluindo os seus três filhos pequenos e o seu marido. Sally causou controvérsia com as suas fotografias nuas, causando repetidas incursões e apelos à censura. A complexidade das suas fotografias, incluindo a sua mais famosa série Immediate Family (1984-1994), que retrata os seus três filhos, então todos com menos de 10 anos, explora o tempo entre a infância e a adolescência.

Conseguimos perfeitamente ver uma relação intensa que Sally transmite nas suas imagens entre a natureza em estado puro, selvagem e as pessoas ou o corpo humano. Estas narrativas visuais de Sally, exercem uma grande influência em mim e no meu trabalho. As suas imagens são poderosas, muito intensas. O seu contraste, os tons de pele, a sua textura dão um carácter onírico vindo do mundo dos sonhos ou da fantasia. Não sabemos se é algo real ou uma história que ela pretende criar.



## Francesca Woodman

É mais conhecida por se fotografar a si própria, mas as suas fotografias não são auto-retratos no sentido tradicional. Ela está frequentemente nua ou semi-nua e geralmente vista meio escondida ou obscurecida - por vezes por móveis, por vezes por exposições lentas que desfocam a sua figura numa presença fantasmagórica. Estas belas e perturbadoras imagens parecem fugazes, mas também sugerem uma sensação de intemporalidade.

Nascida em Denver, Colorado, em 1958, Francesca Woodman começou a tirar fotografias no início da sua adolescência, quando estava num colégio interno. Durante a sua curta carreira, tirou mais de 800 fotografias.

Foi criada num ambiente onde fazer e falar sobre arte fazia parte da vida quotidiana. O seu pai era pintor e fotógrafo e também deu aulas de fotografia na Universidade de Boulder, no Colorado. A sua mãe era ceramista e escultora. Artistas como David Hockney e Richard Serra eram frequentemente convidados a ficar na casa do Woodman. A família de Francesca Woodman passou os seus Verões na quinta dos seus pais no campo perto de Florença, em Itália, e muitas das suas fotografias foram lá tiradas. A cultura e a arte europeias tiveram um impacto significativo no seu desenvolvimento artístico. A influência





da arte surrealista, particularmente as fotografias de Man Ray e Claude Cahun podem ser vistas nos temas e estilo do seu trabalho. Ela desenvolveu as suas ideias e competências como estudante na Rhode Island School of Design.

Francesca sofreu de depressão após uma mudança para Nova Iorque em 1979 e em 1981, após uma relação fracassada, tirou tragicamente a sua própria vida com a idade de vinte e dois anos.

## Jocelyn Lee

Nascida em 1962, cria fotografias efémeras e figuras que fazem lembrar a pintura holandesa do século XVII. Numa tentativa de preservar as flores do seu casamento, a artista deixou-as mergulhadas em água. Cada noite congelavam e cada dia descongelavam, resultando numa textura de superfície única e luxuriante. Referindo-se à mortalidade, estas flores aparecem simultaneamente preservadas e em decomposição.

Jocelyn Lee é licenciada em filosofia e artes visuais da Universidade de Yale e o seu MFA em fotografia do Hunter College.

Lee fotografa amigos, estranhos, e a sua mãe nos últimos dias de vida. São imagens ternas, melancólicas e cheias de saudades frustradas. A maioria dos seus modelos (metade dos quais ela conheceu online pela primeira vez) aparecem nus ou apenas



parcialmente vestidos. Embora a intimidade seja artificial e por vezes tensa, Lee ainda consegue ligar-se de formas assustadoras, especialmente com as suas modelos mais velhas. Mas se o trabalho é sobre o envelhecimento, é também sobre a mortalidade, e encontra o seu foco mais poderoso numa série de imagens que giram em torno do último ano de vida da sua mãe. A família ocupa grande parte deste foco e muitas das imagens foram tiradas no jardim da sua mãe, onde um girassol ou uma peónia húmida parecia ser a própria essência da beleza transitória.



## OUTRAS INFLUÊNCIAS

Além dos nomes que estão nas páginas anteriores, deixo uma lista de outros fotógrafos que também me inspiram. Espero que te ajudem tanto como a mim.



**Daniel Gonzalez**

[cargocollective.com/danielgonzalez](http://cargocollective.com/danielgonzalez)



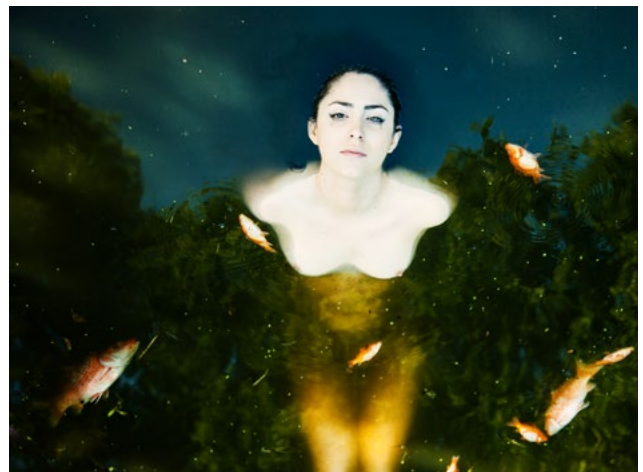
**Bear Kirkpatrick**

[www.bearkirkpatrick.com](http://www.bearkirkpatrick.com)



**Richard Tuschman**

[www.richardtuschman.com](http://www.richardtuschman.com)



**Matthieu Soudet**

[www.instagram.com/matthieusoudet](http://www.instagram.com/matthieusoudet)



**Julien Dumas**  
[www.juliendumas.fr](http://www.juliendumas.fr)



**Julia SH**  
[www.juliash.com](http://www.juliash.com)



**Eva Milkonskaya**



**Alejandro Gatta**  
[www.instagram.com/alejandrogatta](http://www.instagram.com/alejandrogatta)



**Scarlett Carlos Clarke**  
[www.scarlettcarlosclarke.com](http://www.scarlettcarlosclarke.com)



**Julia Fullerton-Batter**  
[www.juliafullerton-batten.com](http://www.juliafullerton-batten.com)



**Bart Ramakers**  
[www.bartramakers.com](http://www.bartramakers.com)



**Barbara Nitke**  
[www.barbaranitke.com](http://www.barbaranitke.com)



**Gregory Crewdson**  
[www.instagram.com/crewdsonstudio](https://www.instagram.com/crewdsonstudio)



**Leigh Ledare**  
[www.leighledare.com](http://www.leighledare.com)



**Erwin Olaf**  
[www.erwinolaf.com](http://www.erwinolaf.com)



**Philip-Lorca Dicorcia**

# NARRATIVA FOTOGRAFICA



A narrativa fotográfica não é nada mais do que contar uma história, uma narrativa, mas pela fotografia. Esta narrativa pode ser composta por uma ou várias imagens, sendo que num conjunto de imagens, cada imagem tem o seu papel importante na narrativa e funciona por si só. Em conjunto, complementam-se e ajudam a contar a história.



## A IDEIA

Ao desenvolver a nossa série fotográfica é essencial que saibamos o que queremos narrar. É importante ter um caderno onde possamos anotar o que nos inspira, ou tomar notas que mais tarde servirão para moldar as nossas fotografias. Eu uso cadernos de apontamentos onde recolho ideias a partir do que vou observando no meu dia a dia. Além disso uso aplicações de “Notas” (Neste caso uso o keep do Google, que é gratuito, está disponível no telemóvel e computador.) onde registo ideias, frases, imagens que me inspiram e tudo que possa ser útil no desenvolvimento do processo criativo.



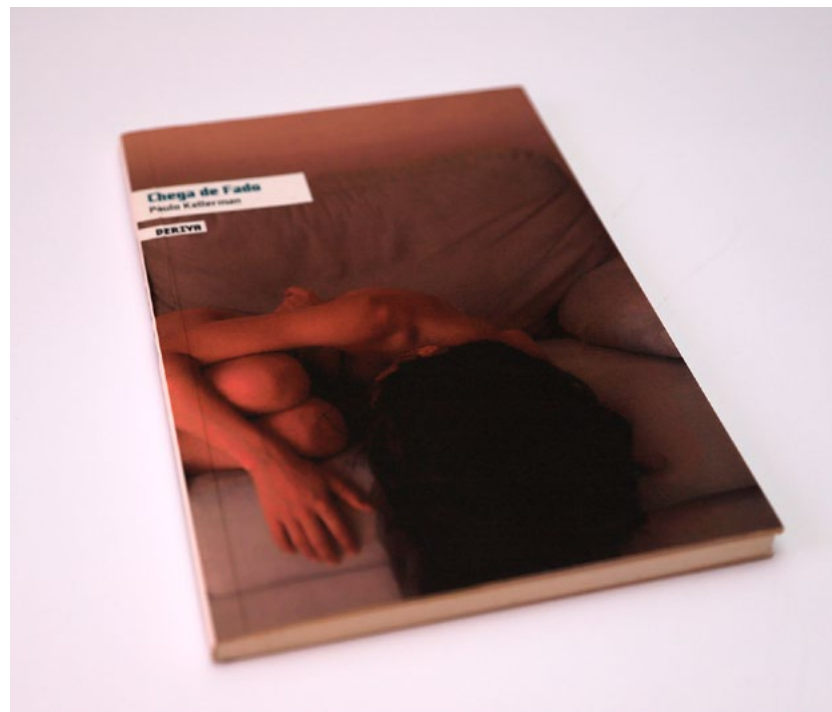
É aqui que entra a cultura visual, este conceito que à partida pode ser um pouco vago, varia de pessoa para pessoa. No fundo a importância da cultura visual vai dar-nos um conhecimento amplo e mais rápido do que pretendemos abordar ou dos objetivos a atingir. Não existe uma fórmula matemática para a aquisição da cultura visual. É um conceito transversal que pode ser apelidado de fonte de inspiração que vai ajudar-nos a desenvolver o nosso trabalho e pode ser adquirida de imensas formas.

Pessoalmente, passo muitas horas a ver trabalhos de outros fotógrafos, acompanho as suas redes sociais, os seus sites, compro os seus livros, entre outros. Há fotógrafos que já faleceram mas deixaram uma obra incrível que se encontra disponível na internet. Tenho também uma preferência por livros de ficção que por vezes me levam a fazer uma narrativa fotográfica deles e chego até a apresentá-los aos respectivos escritores. Outras pessoas terão outras fontes de inspiração, quer seja pelo cinema, pelas artes plásticas, pela música, etc.





O que conta é mantermo-nos atentos ao que nos rodeia, ao que nos fascina e a partir daí, irmos criando e desenvolvendo o processo criativo.



## PROCESSO CRIATIVO



Desde o tempo de estudante que a Pietà me seduzia e exercia um grande simbolismo em mim.

A fotografia em baixo foi uma interpretação que há muito planeava fazer desta obra renascentista de Miguel Angelo.

A interpretação de obras de arte clássica é um dos processos criativos que nos ajudam manter o espírito criativo.





Neste exemplo, inspirei-me na pintura Two Figures on a Bed (1953) de Francis Bacon e criei a minha própria interpretação da obra original.



## GUIÃO / SCRIPT

Depois de sabermos o que pretendemos fazer, passamos para o desenvolvimento do guião ou do script. É aqui que escrevemos detalhadamente toda a narrativa, toda a história, quase como que se de um filme se tratasse. É importante escrevermos toda a história e a sequência de acontecimentos ao detalhe desde os planos ao pormenor das cenas.

A seguir, detalhamos cada cena, cada cenário e local, a respectiva iluminação, a pose do ou dos modelos, os adereços, a equipa técnica e equipamento necessário. A narrativa pode ser fotografada em vários locais, em vários ambientes tanto interiores como exteriores.

É nesta fase que começo a fazer alguns esboços que vão me ajudar a clarificar as ideias. Estes desenhos são mostrados às modelos como forma de lhes explicar as poses e o conceito. É importante as modelos terem a noção clara do que se pretende, da pose, da personagem que se pretende que façam.

Fazer desenhos ou esquemas das cenas, das poses, ajudam as modelos, os assistentes e mesmo o fotógrafo a dirigir a cena de forma mais rápida, sem enganos, economizando tempo, pois permite pré-visualizar o resultado a atingir numa determinada fotografia ou conjunto de fotografias.



## LOCAL

Conhecer previamente o local onde vamos fotografar é fundamental. Isto exige a capacidade de visualizar a cena, interpretar a luz, a melhor hora do dia para fotografar prevendo como é que a luz muda ao longo do dia tanto em termos de dureza como de temperatura de cor. Luz do sol brilhante, um dia nublado ou sol no entardecer são muito diferentes. O fotógrafo tem de imaginar como ficará a imagem e então decidir sobre o melhor tipo de luz para alcançar o resultado final.

Este planeamento, por vezes obriga-nos a ir aos locais logo de manhã, voltar a meio do dia e/ou ao amanhecer. Assim conseguimos ter uma noção exacta da luz, das sombras, dos planos que conseguimos fazer, tomar algumas notas mentais que vão ser úteis durante o período que estivermos a fotografar.

Por exemplo, de inverno em que o sol está mais fraco, mais baixo e anoitece muito cedo, estando numa zona de floresta, já me aconteceu ficar sem luz natural mais cedo do que previa e a sessão ser interrompida porque o sol desapareceu. Isto porque o planeamento não foi bem feito.





Vulgarmente, faço caminhadas pela natureza à procura de locais que me interessem para as minhas narrativas. Outras vezes, quando conduzo, vou observando locais que me possam interessar tais como edifícios abandonados, hotéis históricos, pedreiras abandonadas. Tomo nota destes locais, faço algumas fotografias mesmo com o telemóvel para visualizar posteriormente. Acontece frequentemente quando estou a trabalhar numa nova narrativa, vou à procura dos locais que visitei previamente e por vezes um desses locais enquadra-se nessa narrativa.

Podemos também recorrer a mapas online, aplicativos como o Google Maps ou o Google Earth, são muito úteis para fotografarmos num local que não conhecemos. Uso esta técnica quando vou de férias ou em viagens. Podemos procurar áreas que nos interessem, tais como zonas de floresta, praias ou edifícios com determinadas características. O Street View que está disponível na grande maioria das localizações, permite-nos navegar virtualmente pelos locais como se estivessemos lá, permite-nos fazer capturas de ecrã e guardar essas imagens dos locais. Com facilidade, encontramos imagens geomarcadas de outros utilizadores que podem complementar a nossa pesquisa e dar-nos uma noção melhor do local. Além disso, conseguimos

planear os acessos, perceber se é possível ir de carro até ao local onde pretendemos fotografar, ou se temos que andar em pé.

Estar no local certo, no momento certo, com a luz certa são componentes essenciais da prática da fotografia.

Esta sequência de fotografias à direita aconteceu num local que descobri ao acaso numa das caminhadas que fiz.

Numa caminhada num dia de verão, encontrei esta pedreira abandonada no meio da serra.

Com os anos de retirada de pedra, ficou um buraco enorme na serra, que deixou este aspecto grotesco, arrepiante de paredes de blocos pedra.

Imediatamente percebi que tinha que lá voltar para fotografar.



Nesta página podemos ver outro exemplo de uma outra pedreira abandonada onde foram largados estes blocos de pedra majestosos, imponentes que deram lugar a estas imagens. (A galeria completa pode ser vistas no meu site). Neste caso, foi um local que me foi dado a conhecer por uma pessoa amiga que sabe do meu interesse por estes locais.





## PREPARAR A SESSÃO

Como foi referido nas páginas anteriores, antes de começar a fotografar, vou aos locais para estudar a luz, a melhor hora do dia, onde é que o sol incide a certas horas, estudo os planos e as acessibilidades. Refiro as acessibilidades porque já me aconteceu ir fotografar para uma zona de rochas enormes de difícil acesso e a modelo foi de chinelos de praia. Tinha-me esquecido de avisar para levar calçado confortável para andarmos a pé.

Outro aspecto a ter em consideração quando fazemos fotografia de nu, é a privacidade. É importante escolhermos locais com privacidade. Pode acontecer estarmos em zonas de floresta onde pensamos que ninguém vai para ali, e de súbito surge um grupo de pessoas a fazer uma caminhada ou pessoas de bicicleta por exemplo. Com frequência na zonas de praias, é normal surgirem alguns mirones o que pode ser constrangedor e estragar o trabalho. Não queremos de forma alguma que isto possa acontecer. Prefiro trabalhar em locais que conheço e em ambientes controlados.

Quando trabalhamos em interior, à partida, estamos mais tranquilos neste aspecto.



## MODELOS

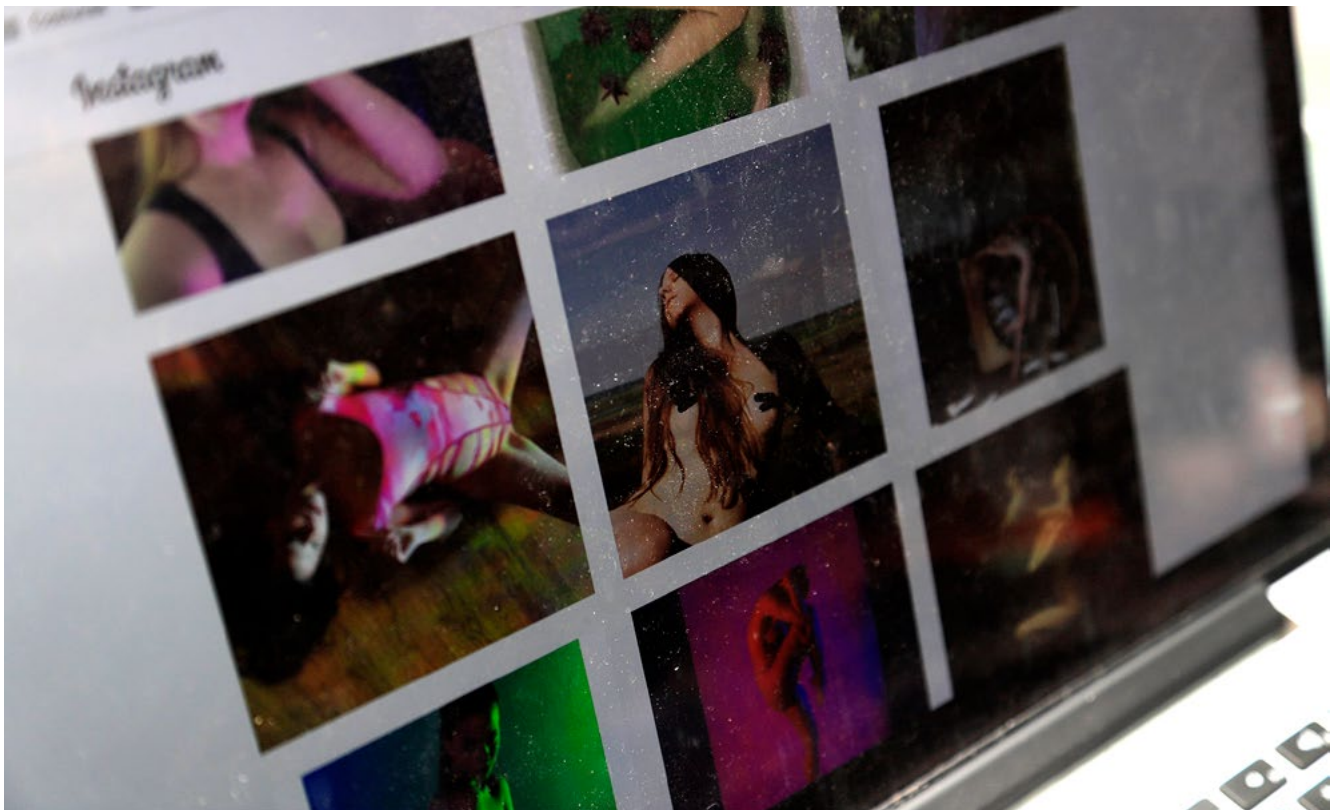
A escolha dos ou das modelos é de extrema importância para o resultado final da nossa narrativa.

Uma modelo com experiência conseguirá com maior facilidade encenar a personagem que é pretendida.

Ao contrário de outros países, em Portugal ainda não existe muita oferta específica para este efeito. O site Model Mayhem ([www.modelmayhem.com](http://www.modelmayhem.com)) é um exemplo de uma grande base de dados de fotógrafos e modelos.

A funcionar em Portugal, temos o Purple Port ([www.purpleport.com](http://www.purpleport.com)) onde temos uma vasta base de dados de modelos disponíveis para trabalhar. Podemos escolher pelas características (cabelo, altura, idade, género, etc) ou pelo estilo de fotografia (erótico, lingerie, casual, nu, etc).

Em Portugal, temos as redes sociais a fazer este trabalho. O Instagram, é um exemplo onde podemos encontrar modelos disponíveis para trabalhar. Uma pesquisa rápida permite-nos encontrar perfis de modelos fotográficas.





Ao contactar a modelo, é muito importante detalharmos o que pretendemos fazer. É nesta fase que devemos transmitir o guião à modelo para que esta possa perceber na íntegra o trabalho.

Imaginemos que pretendemos fazer uma sessão fotográfica à chuva ou na neve com temperaturas muito baixas. Isto deve ser transmitido à modelo para que esta possa garantir que consegue fazer o trabalho ou que possa não aceitar por não estar disposta a fazê-lo. Não pode haver surpresas à última da hora. Tudo quem que estar previamente definido.

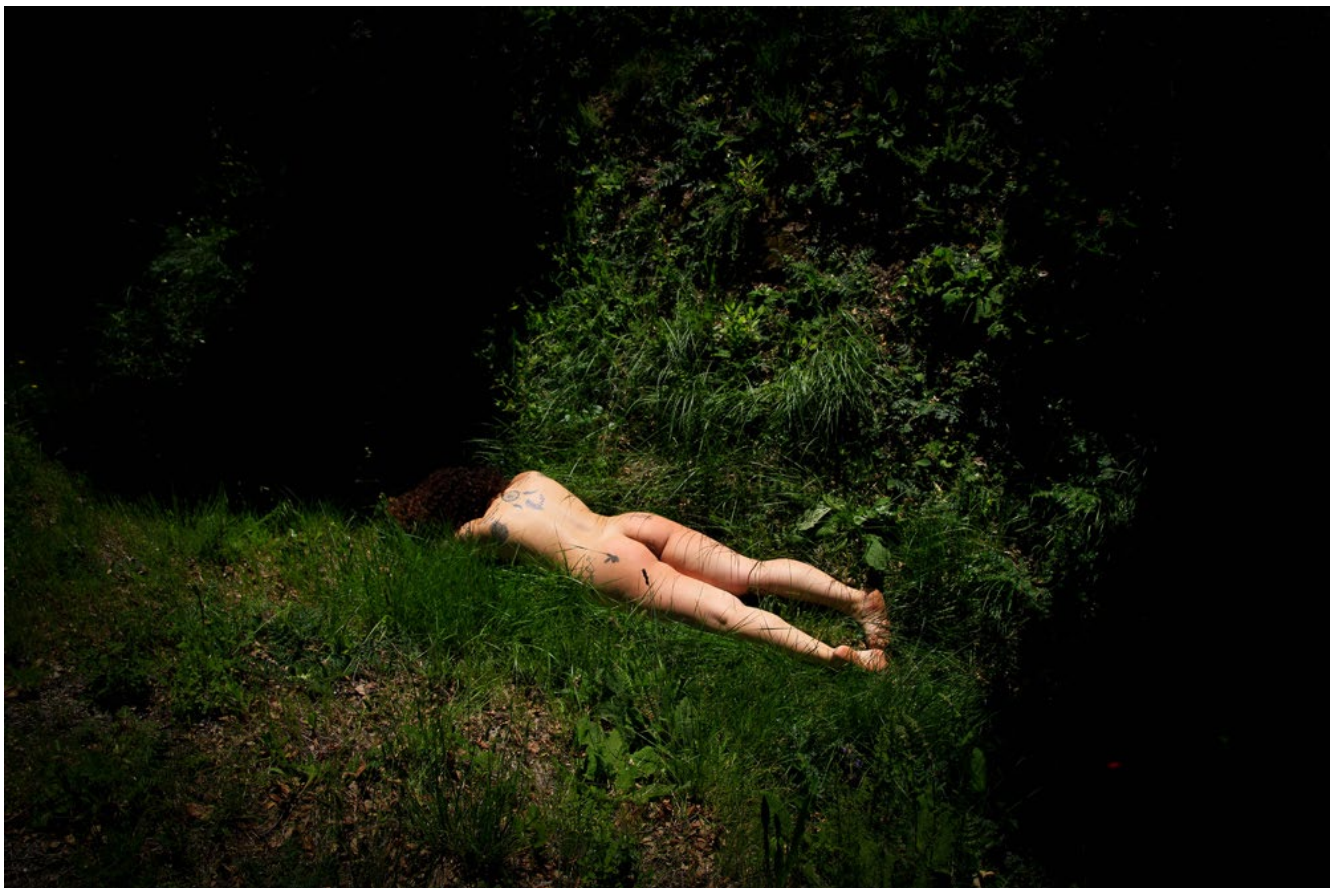


Esta imagem é um exemplo de como por vezes, as condições adversas não permitem fazer um trabalho de forma tranquila. No dia e local em que esta imagem foi realizada, estava imenso frio, nevoeiro e vento. Estas fotografias foram feitas em poucos minutos porque as condições não permitiam que a modelo estivesse mais tempo despida.



Chegando a acordo entre a modelo e o fotógrafo, deve ser assinado um Contrato de Uso de Imagem, onde fica definido o tipo de fotografia a fazer (importante mencionar quando é fotografia de nu), o número de horas, valor a pagar pelo trabalho e o uso que o fotógrafo vai dar às imagens.

No meu caso, vou ainda mais longe. Logo após a sessão, passo a câmara à modelo e permito que esta veja as imagens que foram realizadas e possa remover alguma que não goste ou não queira ver divulgada. Depois disso, nunca divulgo uma imagem sem antes partilhar com a modelo para que esta me dê a sua autorização.





## REGRAS OBRIGATÓRIAS

A fotografia de nu reveste-se de algumas regras obrigatórias que o fotógrafo tem que respeitar de forma clara.

**Nunca tocar na modelo** é a regra das regras. O facto da modelo posar nua, não significa que está disponível para atividades de carácter sexual ou outros. No máximo, o fotógrafo pode ter uma assistente que pode fazer make up, tratar dos cabelos ou ajudar na preparação e só mediante aceitação prévia com a modelo é que esta assistente pode fazê-lo.

**Privacidade**, é um outro cuidado que devemos ter em conta quando fotografamos nus. Temos que escolher locais onde consigamos garantir que não vamos ser interrompidos por mirones ou pessoas que passaram ali por acaso. Estas situações são sempre desagradáveis para todos e impedem a realização do trabalho.





## SESSÃO FOTOGRÁFICA

A sessão fotográfica é quando a magia acontece. Para quem delira com o acto de fotografar, este é um acontecimento quase terapêutico. É o culminar de toda a preparação anterior.

Como já foi dito antes, temos que garantir o conforto e a privacidade para a modelo. No caso de estar frio ou chuva, temos que ser rápidos a fotografar. Não podemos submeter a modelo a longos períodos nestas condições, ou manter o carro perto para que esta possa voltar a vestir-se com rapidez.

O que conselho que deixo, é este: fotografem ao máximo, explorem os pormenores, os planos a luz e façam experiências. Nas sessões fotográficas, levo o caderno de desenhos e o guião para me certificar que não me esqueço de nada. Inclusive, chego a fotografar mais do que o estava previamente planeado.

Cada um tem a sua forma de trabalhar e a sua emotividade a fotografar. Muitas vezes, deixo-me levar pelas emoções, pelo momento (go with the flow) e a sessão acaba por levar outro rumo, outra direção. Na minha opinião, isto é perfeitamente válido porque gosto de trabalhar com emoção e paixão e se não estiver a sentir, então não vai correr bem. Por isso, gosto de sentir, gosto de trabalhar com emoção e deixar a coisa fluir com naturalidade.





Aceito e entendo que tenhas outra forma de trabalhar e gostes de seguir as regras. Também é perfeitamente aceitável. Por vezes, a regra é não haver regras.

Gostaria de deixar claro que por vezes, não corre como planeado. Há dias em que a luz solar não está como planeado, pode acontecer estar escuro ou estar a chover e não conseguirmos o resultado que havíamos planeado. Ou como já me aconteceu, a pessoa que ia ser assistente, não pode comparecer, o que dificultou o trabalho, pois nalguns planos era preciso uma pessoa para segurar o reflector de luz ou o flash secundário, ou haver um atraso e quando chegamos ao local para fotografar, a luz já é reduzida e não conseguimos fotografar devido à falta de luz, ou naquele dia havia pessoas a fazer uma caminhada ali perto e não permitia que o trabalho se realizasse. Ou como também já me aconteceu, planejar fotografar numa casa de turismo rural e naquele dia, estava com lotação máxima com os hóspedes no local. A sessão teve que ser adiada.

Estes e outros imprevisto podem originar alterações nos planos. Não desmotive, é mesmo assim. Por vezes temos que ter um plano B ou agendar outra data.





## PÓS-PRODUÇÃO

Chegou a altura de vermos o resultado. Numa sessão fotográfica, fotografamos muito, (excepto em analógico) no entanto, é essencial saber seleccionar depois as nossas imagens finais para que todas elas se complementem, tenham poder e não sejam repetitivas. Este trabalho é de extrema importância e é por aqui que começo.

Além desta seleção inicial, ao longo do processo de edição, ainda continuo a seleccionar imagens. O objectivo não é pela quantidade, mas pela qualidade. Não preciso de muitas imagens para contar a minha história.

Não é essencial editar uma fotografia, mas as ferramentas de pós-produção permitem-nos ir além da imagem que obtemos da câmara. Por um lado, a pós-produção permite-nos continuar a trabalhar a narrativa da imagem através da cor, textura, manipulação da imagem, etc., e por outro, permite que as imagens sejam dotadas de uma estética que as liga e permite que as relacionemos como um todo.

Existem ainda dois conceitos que queria destacar: manipulação e edição. Eu não faço manipulação das imagens, apenas edição e uma edição muito rápida. Nunca gasto muito tempo em cada imagem. Onde gasto mais tempo é na parte inicial a criar uma linha, uma estética para aquela sessão, aquela narrativa. A partir daí, arrisco a dizer que não demoro mais do que um minuto em cada imagem.





Como podes constatar nas páginas seguintes, há fotografias que precisam de maior edição do que outras.

Essencialmente, a minha pós-produção vai no sentido de criar alguns contrastes, escurecer áreas que não interessam e tentar destacar o tema da fotografia, de forma a que o olhar do espectador seja orientado para onde desejo. Desta forma, tento reduzir a informação secundária que por vezes causa ruído para que o olhar se direcione para onde pretendo.



# ANTES E DEPOIS

Nas páginas seguintes, ficam alguns exemplos de imagens antes e após serem editadas





Antes



Depois



Antes



Depois



Antes



Depois



Antes



Depois



Antes



Depois



Antes



Depois



Antes



Depois



Antes



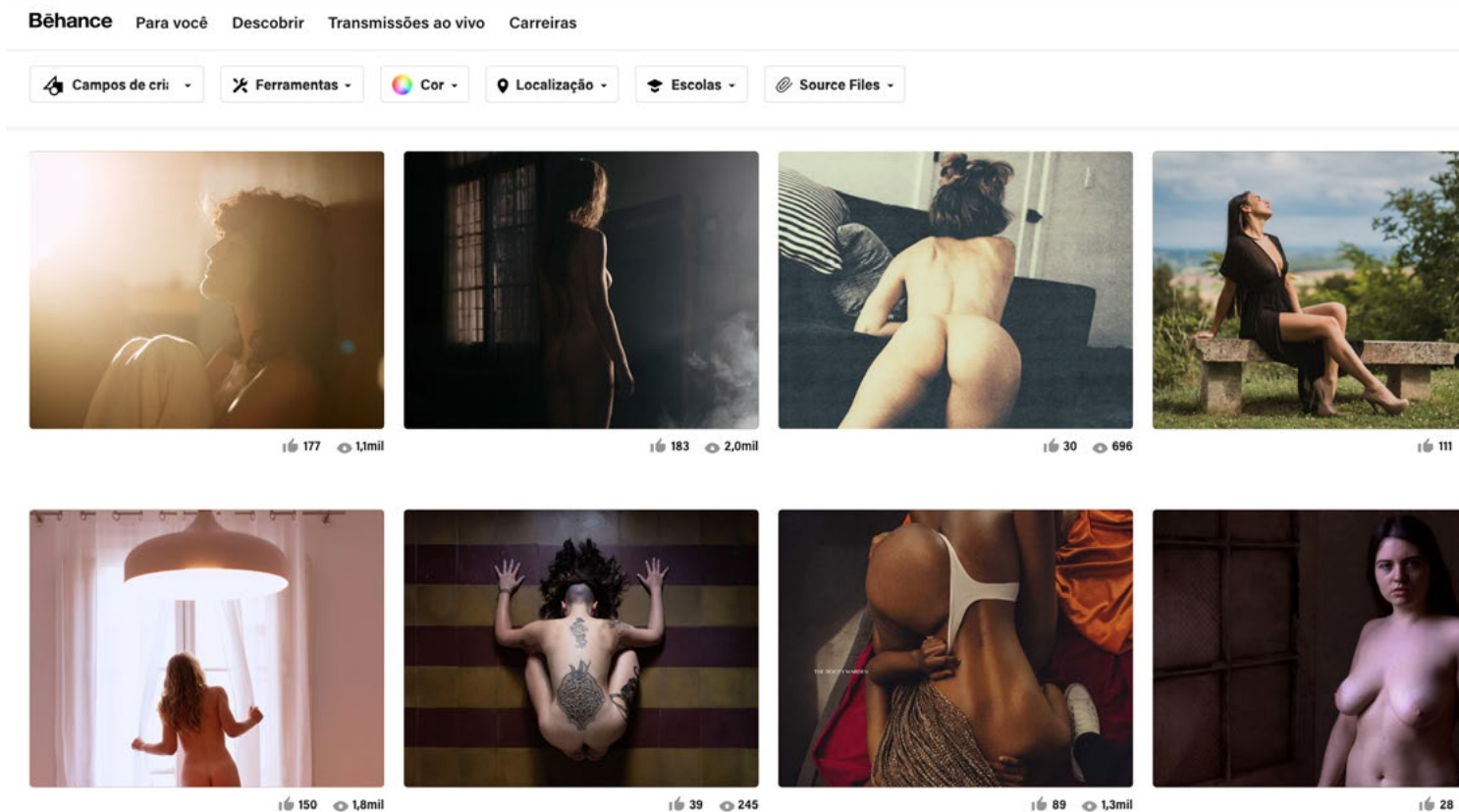
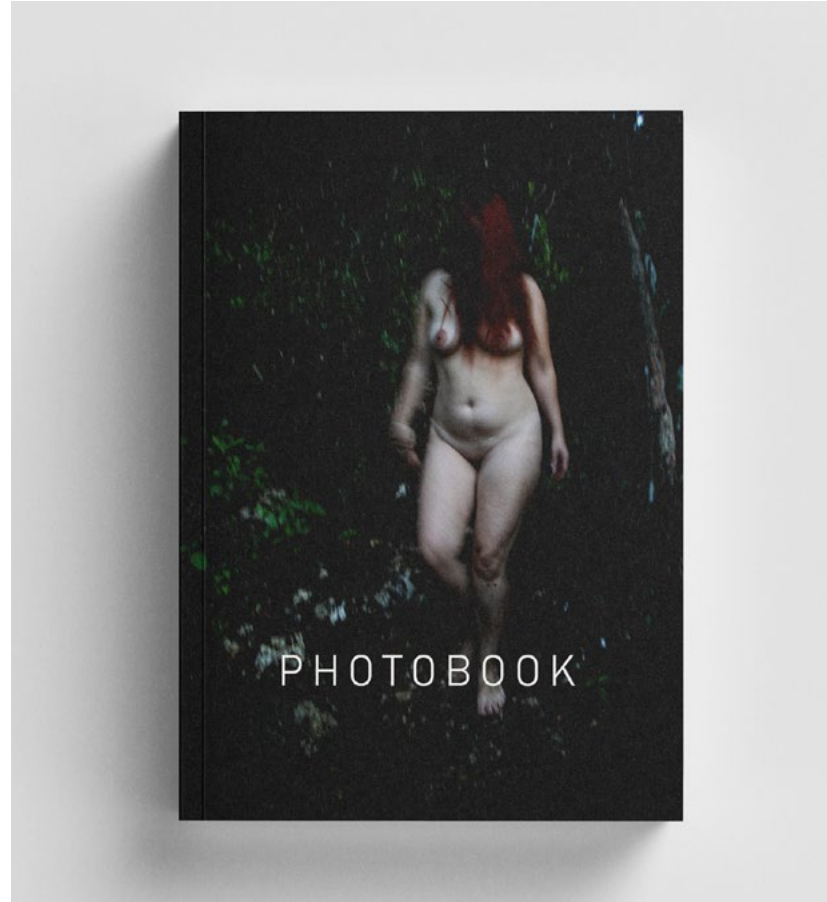
Depois

# PROJECTO FINAL

Existem várias formas de apresentar a nossa narrativa. Felizmente, com a tecnologia actual, com facilidade fazemos um pequeno livro de autor, um ebook em formato PDF, um site, ou mesmo um site de portfólios online gratuito.

As redes sociais acabam por ter um papel fundamental na divulgação dos nosso trabalho e da divulgação da nossa marca pessoal.

Na internet, temos várias opções para portfólios online, tal como Behance, Carbonmade, Cargo Collective, DeviantArt, Flickr etc.





[www.frankieboy.pt](http://www.frankieboy.pt)